

# O HOMEM NA MATRIFOCALIDADE: GÊNERO, PERCEPÇÃO E EXPERIÊNCIAS DO DOMÍNIO DOMÉSTICO\*

R. PARRY SCOTT  
do Depto. Antropologia/UFPE

---

## RESUMO

Percepções e experiências masculinas do domínio doméstico são comparadas às de mulheres em condições matrifoais, através de dados e depoimentos de moradores do bairro pobre de Coelhos, em Recife (PE). A expectativa de forte dominação masculina é contraposta a uma realidade onde a base de continuidade e segurança do grupo doméstico é construída pelo lado feminino. Usando a idéia de ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, e focalizando as uniões e separações conjugais, argumenta-se que o gênero é um elemento diferenciador nas definições de como são vividas as fases do ciclo e de como é representada "a casa" nas estratégias de vida individuais masculinas e femininas.

## ABSTRACT

Male perceptions and experiences of the domestic domain are compared with female perceptions and experiences under matrifocal conditions, through data collected in the poor neighborhood of Coelhos, in Recife (PE, NE of Brazil). Expectations of a strong male dominance are counterposed by a reality in which the base for continuity and security of the domestic group is constructed on the female side. Using the idea of developmental cycle of the domestic group and focusing on conjugal unions and separations, it is argued that gender is a differentiating element in the defining of how domestic cycles are lived and how "the household" is seen as part of male and female individual life strategies.

---

\* A pesquisa para este trabalho contou com o apoio da ABEP — Assoc. Bras. de Estudos Populacionais, do CNPq e de dotação do 4º Concurso de Dotações para Pesquisa sobre Mulher das Fundações Carlos Chagas e Ford.

*Em todos estes casos encontramos a mesma combinação da expectativa de forte dominação masculina na relação conjugal e como chefe da casa, junto com uma realidade em que as relações mãe-filho são fortemente solidárias e grupos de mulheres, filhas e filhos das filhas emergem para fornecer uma base de continuidade e segurança.* (Smith, 1973, p.129)

O objetivo central deste trabalho é entender como o homem e a mulher percebem e vivem esta situação chamada "matrifocalidade", descrita por Smith (1973). O termo matrifocalidade identifica uma complexa teia de relações montadas a partir do grupo doméstico onde, mesmo na presença do homem na casa, é favorecido o lado feminino do grupo. Isto se traduz em: relações mãe-filho mais solidárias que relações pai-filho, escolha de residência, identificação de parentes conhecidos, trocas de favores e bens, visitas etc., todos mais fortes pelo lado feminino; e também na provável existência de manifestações culturais e religiosas que destacam o papel feminino.

Smith alerta para que não se confunda "chefia feminina" com matrifocalidade (Smith, 1973, p.125-7). "Chefia" e "focalidade", no domínio doméstico, são idéias distintas e ambas têm gerado muito debate (ver Aguiar, 1984 sobre chefia). Mesmo assim, vale a pena ressaltar que um índice elevado de casas chefiadas por mulheres, em qualquer grupo específico, é uma pista forte para determinar a existência de um padrão generalizado de matrifocalidade na totalidade de casas do grupo.

Esclareça-se que a coexistência de normas "patriarcais" e práticas "matrifocais" faz parte da própria conceituação de Smith. Assim, não é através de complicadas tipologias de composições e/ou estruturas de unidades domésticas que se chega a uma maior compreensão do fenômeno. Nem é pela casa (no sentido de *household*) compor-se como família nuclear, extensa, truncada (ou como qualquer outra forma categorizável); que se pode identificar a matrifocalidade.

Matrifocalidade pode ocorrer em diversas camadas sociais, nas relações estabelecidas pelos membros da casa entre si, bem como entre parentes e amigos fora da casa, que são fundamentais para sua identificação. A noção de segregação de papéis conjugais, desenvolvida por Bott (1957, p.137-8) num estudo da classe média inglesa, leva à conclusão de que, "na ausência de vantagens econômicas particulares decorrentes de afiliação com parentes do lado paterno, há um terreno fértil para o desenvolvimento de relações de parentesco matrilaterais, que são extremamente maleáveis e que não duram por várias gerações" (ênfase minha). Assim, não havendo propriedade, nem herança substancial para a manutenção de um *status* privilegiado, o papel de mãe destaca-se e torna-se o eixo da formação das relações familiares do grupo doméstico.

É teoricamente admissível que o surgimento da matrifocalidade seja favorecido em sociedades nas quais o acesso a bens, propriedade e herança faz-se pelo lado feminino. No entanto, deve-se reconhecer que a grande maioria da literatura em ciências sociais que trata do assunto constrói-se sobre uma base etnográfica referente a gru-

pos bilaterais destituídos do acesso a recursos, tanto pelo lado feminino, quanto pelo masculino (ver Woortmann 1987, 1984; Kottak, 1961; Smith, 1956,1963; Gonzalez, 1965, 1970; Kunstadter, 1963; Gerber, 1973; Greenfield, 1973).

Destarte a pobreza, a incerteza do ganho e o desemprego seriam cúmplices predominantes, favorecendo a ocorrência de famílias matrifocais. Destacando a relação mãe-filho, em sua análise de famílias de classe baixa na Guyana, Smith (1973) examina a importância da modificação que ocorre no papel da mulher, particularmente na criação de filhos, durante o ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, como indicador da matrifocalidade nessas casas: "Durante o período inicial de coabitação (que pode ser ou não um casamento legalizado), a mulher ocupa-se completamente com a criação dos filhos e é dependente, ao máximo, de seu marido. Mas, embora os homens contribuam para sustentar a casa, não participam muito no cuidado das crianças, nem passam muito tempo em casa. À medida que vão crescendo, as crianças começam a abandonar a escola para ajudar nas tarefas domésticas, no trabalho no sítio, ou fazendo mandados. Gradativamente a mulher se livra do trabalho constante de cuidar das crianças e, ao mesmo tempo, começa a trabalhar contribuindo para as despesas da casa. É neste estágio que se pode ver, com mais clareza, o padrão subjacente de relacionamentos dentro do grupo doméstico: enquanto anteriormente a mulher tinha sido o foco de coalizão afetiva, ela agora torna-se o centro de uma coalizão econômica e de tomada de decisões, junto com seus filhos" (p.124-5).

O conceito de ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico, elaborado inicialmente por Fortes (1958) e Goody (1972), segue as fases de formação do casal, expansão e dissolução do grupo. Esta é a mesma seqüência descrita por Smith para a Guyana, e baseia-se em um padrão ideal (embora não obrigatório) de uma relação duradoura entre marido e mulher.

Sob condições de pobreza urbana (a evidência abunda no Brasil, bem como em outros países), em casas onde o ciclo está em expansão, nem os maridos conseguem contribuir adequadamente para a casa, nem as relações afetivas conseguem manter-se suficientemente satisfatórias para garantir a duração da maioria das uniões (Merrick e Schmink, 1983; Woortmann, 1987; Neves, 1985; Quintas, 1986; Barroso, 1978; Kottak, 1961; Scott, 1986; Figueiredo, 1980). O ciclo de desenvolvimento doméstico torna-se um ciclo repetitivo constituído, freqüentemente, de relações quase efêmeras entre homem e mulher. Os grupos transformam-se rápida e constantemente. Os autores que trabalham com a noção de matrifocalidade usam, cada vez mais, a noção de "uniões visitantes", onde a participação masculina regular é limitada e não co-residencial. Não raramente, a própria relação mãe-filho coloca-se em perigo pela precariedade das condições econômicas, e a mulher chega até a desfazer-se, temporária ou permanentemente, de seus filhos, num processo que Fonseca (1986, 1987) tem chamado de "circulação de filhos" e descrito, em alguns casos, como "formas especiais de internato".

Neste processo, a primeira relação a corroer-se é entre marido e mulher. As separações são constantes, embora nem sempre fique claro se o homem abandona a mulher ou se a mulher expulsa o homem de casa. A imagem pitoresca

de uma informante baiana de que "neste terreiro o galo não canta" (Woortmann, 1987 e Neves, 1985) tem sido usada para descrever este afastamento do homem do domínio doméstico. Na mesma linha, a questão inicial a ser formulada, para entender como esta situação de "não cantar no terreiro" é percebida pelo homem, deve ser: isto o abala, o liberta, ou faz ambas as coisas? (Scott 1985). No entanto, outra pergunta antecede esta: os atores envolvidos concordam sobre o que é "o terreiro"?

Ao adotar, como fazemos aqui, uma perspectiva que admite uma separação fundamental entre os interesses de gênero, forçosamente deve-se examinar os seguintes pontos: 1) o que "a casa" representa, e 2) como é vivida diferencialmente, entre homens e mulheres, em seus ciclos de vida individuais. Isto também leva a uma reflexão sobre a articulação entre as relações de gênero, por um lado, e o estabelecimento de estratégias diferentes de abordar o transcorrer do ciclo de desenvolvimento doméstico, por outro.

A união entre mulheres e filhos é fortalecida pela clara divisão do trabalho, por sexo, o que confere uma convivência intensa durante o período da infância. A mulher, por um lado, vira agente principal da reprodução biológica e social, tendo a casa como seu palco. De outro lado, o homem, impossibilitado de realizar o papel de provedor que lhe é designado, transfere a marginalidade econômica que sofre na rua para uma marginalidade dentro da casa. As tensões entre marido e mulher impedem projetos familiares explícitos apoiados na complementaridade de papéis, como ocorre nos grupos operários mais estáveis economicamente, descritos por Macedo (1979) e Bilac (1978). Assim, tensões entre marido e mulher nos grupos urbanos empobrecidos aumentam e agravam-se até o ponto de, para o grupo como um todo, predominar o padrão de "a família das mulheres" (Woortmann, 1987). Como consequência, frequentemente ocorre o que Neves (1985) explica: "... a mulher amplia o poder e a autoridade interna à família e passa a intensificar o controle em relação ao desempenho do esposo ou companheiro. A intensificação desses conflitos pode levar à expulsão ou abandono da casa pelo esposo e à expansão dos papéis e funções da mulher" (p.200).

Nestas condições, o homem é visto pelas mulheres como "lerdo e sem iniciativa", incorporando e representando o fracasso no desempenho das atividades que lhe são conferidas. As mulheres, em contraposição, se vêem, ao mesmo tempo, como vítimas (sofrendo das agruras da vida e enfrentando a vida sozinhas), e "espertas" (iniciadoras de ações essenciais para a manutenção da casa). Transparece que a casa é um "nó de interesses individuais", como diz Peter Laslett (1985), onde o contexto determina os interesses que vão sobressair em momentos diferentes. Tais interesses tomam matizes distintos de acordo com o gênero dos atores.

O enfraquecimento do papel masculino é duradouro, no sentido de que é fruto de condições econômicas que não se alteram com a passagem dos anos. É vivido como algo que, de um lado, é generalizado ao grupo e, de outro, é transitório aos atores individuais, fugindo a seus padrões de expectativas. Não há uma renúncia preferencial ao casamento (legal ou não) no início da trajetória familiar de cada ator. No entanto, a combinação de sucessivos fracassos

de tentativas de casamento, com a passagem de anos e a chegada dos filhos a uma idade em que possam contribuir para sustentar a casa, tornam a renúncia ao companheiro convivente masculino mais a regra que a exceção (Salem, 1981, p.82-93). A "coalizão econômica e de tomada de decisões", de que fala Smith, impõe-se como realidade.

A exclusão do homem da casa é, em parte, apenas uma manifestação da separação cultural de gêneros em esferas nitidamente diferentes, justificada socialmente por "tradição" e por "natureza". A "casa" é da mulher, a "rua" é do homem. Tal separação, pertencendo a uma realidade relacional e cognitiva brasileira, estudada por Da Matta (1985), não deve mascarar o fato que a mulher tem que lidar com a rua e o homem com a casa. É interessante notar que Da Matta insere esta divisão entre casa e rua em outra oposição, entre dominante e subordinado, declarando que "o discurso dominante é muito mais da rua do que da casa". Vindo da "rua" ele vem sempre de seus componentes legais e jurídicos. A fala dos subordinados é muito mais o idioma da "casa" e da família, e sendo assim, é sempre vazado de conotações morais e de um apelo aos limites morais da exploração social (1985, p.18). Ultimamente, muita atenção tem sido dirigida às evidências e implicações do desempenho da mulher na força de trabalho. (Cita-se Aguiar, 1984; Nash e Safa, 1986, entre muitos outros, apenas por serem coletâneas recentes que dão uma idéia da abrangência e diversidade destas abordagens.) Grupos de trabalho, os mais diversos, têm se organizado para estudar a mulher na esfera dominada por homens: na esfera da rua.

O outro lado da equação (de como o homem lida com a esfera da casa) tem suscitado muito menos investigações e pouca articulação entre autores que abordam a questão de enfoques diferentes. É curioso que, apesar das críticas e elogios feitos à obra de Gilberto Freyre (1968, 1969), detalhando uma visão do patriarca e de sua família (1958, 1969), não há outros autores que tenham desenvolvido bem o enfoque da relação entre o homem e a casa. Com a intensificação dos enfoques feministas, nos últimos anos, alguns autores têm contribuído para a literatura sobre o homem e a família, enfatizando a violência doméstica e outras manifestações de machismo (Azevedo, 1985; Drumont, 1982; Oliveira e Prado, 1981; Correa, 1983). O papel masculino também pode ser discernido em alguns dos trabalhos que enfocam a forma como homens e mulheres traçam seus projetos familiares e estratégias de sobrevivência, diante de condições específicas de inserção no mercado de trabalho (Bilac, 1978; Macedo, 1978; Rodrigues, 1978; Motta e Scott, 1983; Woortmann, 1979, 1984). Cabe ressaltar que, na maioria destes últimos trabalhos, mais do que relações de gênero, é o grupo doméstico que é salientado.

Continua a existir uma lacuna em nossa compreensão de como aquele homem, que é patriarca potencial, sendo intermediário entre o mundo da rua e da casa, e que vive na favela, enfrenta a própria incapacidade de controlar a rua, o que lhe impede de trazer subsídios para exercer o poder em casa. Como é que pode transportar sua experiência de "dominado" (no mundo legal e jurídico da rua), numa experiência de "dominador" efetivo da casa? Em sua casa, a mulher é a primeira a acusá-lo de não desempenhar adequadamente seu papel (ver descrição de Salem, 1981 e

Barroso, 1978). Ela salienta que está sendo vítima, justamente como postulam Lopes e Silva em sua descrição dos efeitos da subordinação (1981).

Em estudo onde encontrou altos índices de matrifocidade, Neves (1985, p.201) aventura uma explicação do recuo do homem: ele "procura minimizar a participação na vida familiar porque não se considera com autoridade para tomar certas decisões". O problema maior implícito aqui parece ser outro. Pode-se perguntar: como é que o homem aborda a esfera da casa? Que contexto de atuação seria a casa para o ator masculino?

É importante lembrar que, na maioria das pesquisas sobre famílias faveladas, as informantes são quase sempre mulheres. Isso se deve ao fato de que as mulheres são mais fáceis de serem encontradas em casa e também mais dispostas a discursar sobre elas. Mas o fato de não se ter dado ouvido aos homens pode ter levado a distorções sobre o ponto de vista deles a respeito da formação do grupo doméstico, bem como da atuação masculina nessa formação.

Neste trabalho, argumenta-se que, para entender o papel do homem na casa favelada matrifocal, é preciso adotar o ponto de vista que a "casa" ocupa espaços diferenciados nas estratégias de vida de homens e de mulheres. A partir deste pressuposto, tendo em vista a noção diferenciada que resulta da sua adoção, tecem-se algumas considerações sobre a articulação entre análises que enfocam gênero com os que enfocam grupos domésticos.

## ESTRATÉGIAS DE VIDA, GÊNERO E A CASA

Constatar que existe uma forte divisão sexual do trabalho em relação à casa é repetir apenas um fato reconhecido e investigado por gerações e gerações de cientistas sociais (ver Burton et al., 1975 e Poullion, 1984 para um resumo de muitos argumentos). O que se frisa aqui é que tal divisão do trabalho cria representações e experiências sistematicamente diferenciadas, da realidade social concreta da casa, seja qual for o nome adotado para descrevê-la: unidade doméstica, grupo doméstico, família ou casa mesmo<sup>1</sup>.

Embora falar da casa como objeto ou traçar o ciclo de seu desenvolvimento seja um artifício analítico que muito contribui para a compreensão de um nível específico de articulação da realidade social, corre-se o risco de, em parte, retratar uma média que ofusca a realidade de seus participantes. Exemplificando, se num dado universo de dez indivíduos, cinco ganham oito cruzados e os outros cinco ganham oitenta, é evidente que se entenderia menos sobre o fenômeno apenas centrando a análise na média de quarenta e quatro cruzados que o conjunto ganhou, sem reportar à diferença explícita entre o grupo de oito e o grupo de oitenta. Da mesma forma, falar da casa sem dividi-la nas experiências e representações das mulheres, de um lado, e dos homens, de outro, certamente esconde as reais diferenças das estratégias de vida montadas em cima da variável de gênero.

A diferença que "a casa" assume nas estratégias femininas e masculinas pode ser tentativamente descrita. Da mulher, espera-se que esteja ativamente controlando sua casa, e do homem que possa apresentar sua casa como já sob "controle" ou "resolvida". Isto é reconhecido pela ter-

minologia popular segundo a qual "a casa é a do seu João" mas "quem a administra é a Dona Maria".

As mulheres têm na casa uma peça fundamental da determinação da identidade feminina. É sobre sua relação com a casa que se ergue a determinação e auto-avaliação de seu *status* e de sua articulação com o mundo da rua. Geralmente, construir uma casa inicia-se com o estabelecimento de uma relação conjugal mais ou menos estável com um homem. Não é à toa que, das dezenove expressões qualificantes de "mulher" no dicionário conhecido como Aurélio (Ferreira, 1975), dezesseis são definidoras dela como "meretriz" e fora do espaço doméstico<sup>2</sup>. A mulher da casa não é esta, como bem demonstra a única expressão inequivocamente positiva sobre a mulher no Aurélio: "mulher de César, de reputação inatacável". Há uma necessidade premente de a mulher definir-se diante da casa, seja para afirmar sua obediência à ordem culturalmente estabelecida, seja para negá-la.

Sabendo que as tarefas domésticas relacionadas com a preparação e reposição da força do trabalho (criação dos filhos, preparo do alimento, limpeza etc.) recairão sobre ela, a mulher é levada a viver e pensar a casa de uma forma extremamente ativa e crítica. O sucesso ou fracasso da estratégia de vida da mulher será avaliado por ela mesma, por outras mulheres e por homens, de acordo com a maneira como opera com os elementos constitutivos da casa.

Para o homem, o mesmo não é verdade. Com o estabelecimento do critério predominante de avaliação do sucesso centrado na rua, a casa torna-se um domínio que precisa estar "sob controle" e "inquestionável". Nenhuma das dezesseis expressões qualificantes do homem refere-se fundamentalmente ao domínio doméstico<sup>3</sup>. Tal como a administração da casa incorporada na mulher, o controle sobre a mulher, simbolizando o controle sobre a casa, também precisa ser "inquestionável". Os piores e mais violentos insultos ao homem referem-se a sua incapacidade de controlar sua mulher ("corno") ou vir de uma família onde a mãe não foi controlada ("filho da puta"). O próprio afastamento físico do homem, que o trabalho costuma exigir, elimina a efetiva e ativa vigilância pessoal sobre o cotidiano doméstico. O discurso masculino sobre a casa constrói-se sobre este conhecimento mais reduzido, mas não é um discurso de importância reduzida. Ao transparecer no discurso que a casa não está "sob controle", a ameaça à avaliação do desempenho do homem é real, tão real quanto a admissão direta de fracasso no papel masculino de "provedor".

Com estas bases diferentes para organizar a experiência e a percepção da casa, de acordo com o gênero —

- 1 Concordamos com os autores que insistem na diferenciação explícita entre as noções de família (*family*), mais vinculada à congregação de noções de parentesco, ideologia e coabitação, e unidade doméstica (*household*), mais vinculada à coabitação e cooperação econômica imediata para este grupo; mas, para o que se argumenta aqui, aplica-se tanto "família" quanto "unidade de grupo doméstico".
- 2 Mulher: vadia, perdida, pública, errada, de paia aberta, a toa, da comédia, da rótula, da rua, da vida, da zona, de má nota, da ponta da rua, de fado, de fandango e do mundo.
- 3 Homem: da rua, de ação, de bem, de cor, de Deus, de empresa, de estação, de leitura, de negócios, de palavra, de prol, de povo, de sete instrumentos, feito, marginal e público.

homens com casa "sob controle" e mulheres ativamente controlando a casa — o ciclo de desenvolvimento doméstico é visto por cada um de formas distintas. Isto evidencia-se na confrontação da situação de mulheres e homens nos dados de composição de unidades domésticas de acordo com a renda, e na mesma confrontação do discurso sobre momentos chave no ciclo de desenvolvimento doméstico, vistos nos próximos itens.

## GÊNERO E A CASA NO BAIRRO DOS COELHOS

A cidade do Recife tem grandes extensões ocupadas por populações pobres. A característica matrifocal destas casas pobres é preponderante. Um levantamento sobre a organização econômica (Motta e Scott, 1983) indica que 21,5% têm sua renda básica fornecida por mulheres (75% destas mulheres provedoras básicas não têm marido, mais de 10% destas mulheres têm maridos em casa e o restante é filha ou agregada). A metade das casas estudadas tem mais de um provedor, e 56,3% destes provedores complementares são mulheres. As esposas são mais importantes como provedoras complementares (26,2%), seguidas pelos filhos homens (23,7%) e pelas filhas (só 13,8%). Pode-se afirmar que, embora culturalmente haja uma clara preferência e tendência de os homens serem os detentores da renda, a atividade econômica remunerada feminina é fundamental para o sustento de aproximadamente três em cada quatro casas.

Nos Coelhos, um dos bairros pobres do Recife, evidencia-se forte matrifocalidade e importância econômica da mulher, ainda maior do que na cidade como um todo. Segundo dados da URB — Empresa de Urbanização do Recife (Recife, 1981), são 5.298 habitantes em 1.347 casas, com uma localização estrategicamente próxima ao centro da cidade. Em 88% das casas ganha-se menos de três salários mínimos. A renda familiar média é de 1,7 SM e mediana de 1,3. Como é freqüente em outras populações pobres, percebe-se uma rotatividade enorme no emprego, o que dificulta qualquer tentativa de diferenciação entre "assalariados", "autônomos" e "biscateiros". A pergunta posta aqui é: como os homens e as mulheres se distribuem entre estas casas, e qual a relação disto com as estratégias de sobrevivência e ciclos de desenvolvimento dos grupos domésticos?

TABELA 1

### DISTRIBUIÇÃO DAS UNIDADES DOMÉSTICAS SEGUNDO A RENDA, POR SEXO DO CHEFE Bairro dos Coelhos, Recife, 1981

FAIXA DE RENDA	CHEFES			
	Masc.		Fem.	
	n	%	n	%
sem renda	28	45,9	33	54,1
0 a 1 SM	168	39,8	254	61,2
1 a 2 SM	325	71,9	127	28,1
+ que 2 SM	252	75,9	80	24,1
TOTAL	773	61,0	494	39,0

Fonte: Recife, 1981.

Estas casas concentram as faixas mais pobres da população (Tabela 1): 58,9% recebem menos de 1 SM. Os 61,0% dos chefes que são homens são majoritariamente de casas com rendas maiores (74,6% acima de 1 SM). De um ponto de vista econômico simplificador, evidencia-se que a casa com chefe homem está mais "sob controle" do que a casa com chefia feminina. Assim, estas mulheres têm de controlar mais ativamente os ingressos em sua casa para sustentar o grupo. De fato, verifica-se, como ocorreu na pesquisa anterior que desenvolvemos sobre sobrevivência e fontes de renda (Motta e Scott, 1983), que são proporcionalmente maiores as quantias entregues às mulheres chefes de casa por outros membros da unidade, do que as entregues aos homens em situação idêntica.

Um companheiro masculino está presente em 16,5% das casas com a chefia atribuída à mulher. Lamentavelmente, os dados não permitem uma comparação dos níveis de renda dos dois parceiros nestas casas. A comparação com as casas com chefes sem companheiros indica que, independentemente do sexo da pessoa a quem se atribui a chefia, as casas com casais alcançam rendas maiores (Tabela 2). É notável, adicionalmente, que 16,4% dos homens chamados chefes não tenham esposas. Novamente a limitação dos dados da URB não permite que seja verificado quantos destes homens são viúvos, quantos são jovens ou irmãos de unidades de colaterais e quantos são jovens ou adultos que moram sozinhos.

A observação no bairro sugere que a maioria pertence a esta última categoria. As casas destes homens, chefes sem parceiros, não alcançam os níveis de renda das casas com casais. No entanto, deve-se salientar que o número de consumidores a serem sustentados com o que se ganha é drasticamente reduzido. O mesmo não é o caso das mulheres sem parceiros, pois elas freqüentemente têm a guarda dos filhos. A limitação em sua capacidade de ganho é patente: 64,0% ganham menos de um salário mínimo. Ao estabelecer uma residência solitária, o homem pode driblar a responsabilidade do cuidado cotidiano dos filhos. Para a mulher é mais difícil, e as implicações da dupla carga de filhos e de sustento evidenciam-se nos níveis de renda atingidos.

Considerando a média da idade do chefe da casa (Tabela 3), seja homem ou mulher, observa-se que são os mais jovens que estão tendo as maiores dificuldades em auferir renda. Isto implica sérias barreiras, na fase inicial do ciclo doméstico, para formar, manter e expandir as unidades. Nas outras faixas de renda, a média de idade do chefe é relativamente estável e indiferenciada, não havendo, por este meio, possibilidade de discernir tendências à pauperização ou enriquecimento de casas ao longo do tempo.

A inclusão de membros de outras gerações na casa mostra-se como um processo diferenciado. Mães idosas residentes com seus filhos casados são 88% dos agregados, os pais sendo apenas 12% deste grupo de agregados. Na mesma geração, são aproximadamente iguais as proporções de irmãos e de irmãs em casa. Estas casas com colaterais agregados normalmente têm rendas totais acima da média. Na geração mais jovem a tendência é contrária à da mais velha — o privilégio é masculino. Os filhos representam 55,2% dos componentes totais das casas, dos quais 52,2% são homens e 47,8% mulheres.

TABELA 2

**DISTRIBUIÇÃO DAS UNIDADES DOMÉSTICAS SEGUNDO A RENDA,  
POR ESTADO CONJUGAL E SEXO DO CHEFE  
Bairro dos Coelhos, Recife, 1981**

FAIXA DE RENDA	CHEFES							
	Casados				Solteiros			
	Masc.		Fem.		Masc.		Fem.	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Sem renda	20	3,1	0	—	8	6,3	33	8,0
0 a 1 SM	125	19,3	22	27,5	43	33,9	232	56,0
1 e 2 SM	272	42,1	33	41,3	53	41,7	94	22,7
+ de 2 SM	229	35,5	25	31,2	23	18,1	55	13,3
TOTAL	646	100,0	80	100,0	127	100,0	414	100,0

Fonte: Recife, 1981.

TABELA 3

**MÉDIA DAS IDADES DE CHEFES DE UNIDADES  
DOMÉSTICAS SEGUNDO A RENDA E SEXO  
Bairro dos Coelhos, Recife, 1981**

FAIXA DE RENDA	MÉDIAS DAS IDADES DE CHEFES	
	Masc.	Fem.
sem renda	33,2	32,5
0 a 1 SM	45,8	41,0
1 a 2 SM	38,0	42,7
+ que 2 SM	40,8	44,3
TOTAL	40,1	42,0

Fonte: Recife, 1981.

A análise da distribuição por sexo e faixa etária dos filhos que permanecem em casa mostra variações interessantes. Nas faixas de 15 a 19 anos e 20 a 30 anos, os filhos homens permanecem mais na casa que suas irmãs (59,0% na faixa de 15 a 19, e 57,0% na de 20 a 30 anos). Acima de 30 anos, nota-se uma esperada diminuição, e também uma inversão do equilíbrio por sexo (apenas 39,6% dos filhos que permanecem na casa são homens). A maior presença de filhas mulheres maiores de 30 anos parece indicar uma combinação da continuação da "proteção" de filhas que nunca chegaram a sair da casa, com o retorno daquelas que buscam apoio na casa da mãe para criar seus próprios filhos após uniões desfeitas.

Resumindo, os dados sobre a composição das casas nos Coelhos fornecem um quadro de experiências diferenciadas por sexo. Como um conjunto, os homens fazem parte de unidades com renda maior; formam numerosas unidades solitárias (destituídas de filhos e outros dependentes) e ficam mais tempo na casa dos pais. Cabe lembrar que a maioria dos homens adultos dos Coelhos é, de fato, pais de família que residem com suas esposas. Quanto às mulheres, a maioria (59,5%) tem companheiros conviventes. No entanto, há um número surpreendentemente alto de mulheres que são chefes. A elas cabe a responsabilidade da administração de uma casa que geralmente inclui filhos e que tem uma renda muito reduzida. Embora as

filhas saiam de casa mais cedo que seus irmãos para formar sua própria casa, é também mais fácil voltarem a viver com a mãe em momentos de crise posteriores. Também, muito mais que o homem, ao envelhecer a mulher conta com o abrigo da casa de seus filhos. A "casa" perdida, assim, como um espaço que privilegia a mulher.

#### **Gênero e o ciclo de desenvolvimento do grupo doméstico**

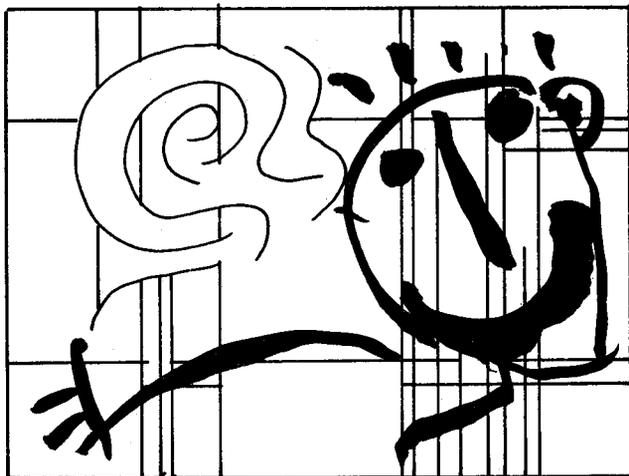
Para confrontar adequadamente as representações masculinas e femininas das respectivas vivências do ciclo doméstico, seria necessário considerar detalhadamente vários momentos-chaves: a saída da casa dos pais; a agregação do companheiro; o nascimento dos filhos; a inclusão de outros parentes e amigos; a separação do companheiro; a saída dos filhos; a exclusão de outros parentes e amigos; mortes; e a substituição definitiva da unidade. Foge ao alcance deste trabalho tão extensa confrontação; conseqüentemente, privilegiam-se os momentos de agregação e de separação do companheiro por envolverem, mais transparentemente, a questão de gênero em relação à constituição da casa.

"Uma mulher sem marido não é nada". Muitas mulheres, especialmente as mais jovens, apóiam esta declaração de uma mulher dos Coelhos. Ter "uma casa" para cuidar é quase universalmente citado como um elemento decisivo na idéia de morar com um homem. Mas, para escolher um marido com qualidades que possam melhorar a auto-avaliação do *status* da mulher, muitos fatores devem ser pesados. Para formar uma nova unidade, são questões relevantes a reputação dos membros da unidade de origem, bem como a reputação da própria mulher que mais claramente entra em jogo na procura de um marido. Uma opção cultural é "fugir". Fugir, passando uma temporada fora da casa dos pais com o novo parceiro, é uma forma tradicional de proteger a reputação de todos, comum entre famílias pobres, especialmente de origens rurais. De um lado, evitam-se as despesas proibitivas de um casamento formal. De outro, a mulher troca uma casa por outra, sem ter de passar pela "rua", onde não existe a vigilância efetiva de sua atividade sexual, símbolo maior de sua reputação (e de sua casa). Este aspecto já foi visto no comentário sobre a definição de mulher no Aurélio. Tradicionalmente, a fuga se

processa com a colocação da mulher na guarda temporária dos parentes do marido, o que implica sua aceitação e proteção por este grupo. Algumas mulheres dos Coelhoos, originárias do interior, seguiram este padrão, mas esta não é a regra geral. Muitas passaram temporadas morando e trabalhando como domésticas em casas de famílias, ou passaram temporadas em pensões ou quartos alugados. Durante este tempo, "namoraram" ou mantiveram relações sexuais com parceiros eventuais. No caso, a questão da reputação (pessoal e do grupo doméstico) tão importante na fuga tradicional, tem de ser ganha ou reconquistada de outra forma no bairro pobre da cidade. Encontrar um marido adequado pode representar a recuperação de um status junto aos outros como "mulher direita" e "respeitada", como mulher cujo parceiro sexual é, ou aparenta ser, seguro. Aqui a "casa" é um espaço feminino que confere identidade cultural à mulher, livrando-a da dubiedade da rua. A presença do marido, pois, reporta-se a uma estratégia que não passa, necessariamente, pela questão de "sobrevivência" e aumento de fontes de renda.

Para as mulheres mais novas, a realização de sua sexualidade promove, obviamente, a procura de um parceiro. Nos Coelhoos, são muitas as que alegam que uma boa "primeira experiência" com um certo homem, que conheceram numa festa, levou à resolução de estabelecer uma casa. Geralmente com a passagem dos anos, outros elementos entram mais na decisão sobre a participação do esposo na unidade.

Juntar-se envolve muito mais do que o estabelecimento de uma reputação e a realização da vida sexual. Ter a própria casa para cuidar é excepcionalmente importante. O ditado popular bem afirma que "quem casa, quer casa". O espaço físico separado, seja ele próximo à casa dos pais ou longe, identifica o casal como unidade separada. Identifica um local não contestado onde a mulher pode organizar seu trabalho e seu tempo, tanto de acordo com exigências próprias como de acordo com as relações estabelecidas entre ela e o marido. A não interferência das gerações superiores, a mãe e especialmente a sogra, marcam um passo importante que o espaço físico separado da casa providencia à mulher.



Um homem que tenha uma renda segura, seja caseiro e não gaste em bebida ou farra (o que descreve uma minoria dos homens dos Coelhoos) muitas vezes prefere que sua mulher abra mão da renda própria de seu trabalho fora, para ficar com ele e cuidar da casa dos dois (que, finalmente, não é dos outros). Nos Coelhoos, as mulheres mostram-se bastante eficazes em se identificar como "donas" das casas onde residem com o marido. No caso de separação, geralmente as mulheres ficam com as casas, quer como proprietárias quer como inquilinas.

A maioria das mulheres entrevistadas casou-se mais de uma vez. A casa pensada nestes segundos ou sucessivos casamentos não é mais espaço físico (que ela geralmente tem, mesmo precariamente) nem afirmação de sua identidade "feminina" forçosamente ligada à casa. Outras características ganham destaque mais central na "coalizão econômica e de tomada de decisões" que Smith descreve para caracterizar a matrifocalidade. Agora, ela, dona de uma casa "espaço físico", exercendo em casa papel feminino responsável pelos filhos na maioria dos casos, transfere o peso de sua avaliação da casa para as "relações sociais" implicadas na convivência com um homem. Ele tratará os filhos como se fossem seus? Como muitas vezes ela já tem uma casa própria, não convém agregar um homem que apenas aumentará a carga de trabalho em casa. Quanto "trabalho" a presença do marido em casa implicará para ela? Finalmente, é muito provável que continue trabalhando fora, se for este o caso.

No contexto de pobreza urbana, ficar com o marido vira exceção e não regra entre as mulheres. Apenas seis das vinte e oito entrevistadas nos Coelhoos continuam com o primeiro marido. Note-se ainda que cinco destas seis, por serem jovens, têm pouco tempo de convivência matrimonial. Esses dados permitem afirmar que as expectativas de melhora que levaram à decisão de agregar um marido são superadas pelas dificuldades que o casamento apresenta.

O casamento geralmente não satisfaz à expectativa de que o juntar-se daria uma garantia de reputação com o estabelecimento de uma casa. Marido e os filhos exigem muito trabalho. A reputação se mantém em constante perigo, tanto em função dos ganhos baixos e inseguros, como pelas atividades recreativas e amorosas do marido. Uma mulher desabafou: "comprei o meu marido com o meu suor". Percebe-se que, ao passar do primeiro para os sucessivos maridos, a mulher começa a pesar mais a carga de trabalho implicada na inclusão ou exclusão de seu homem das atividades cotidianas da casa. Várias mulheres declararam ter impedido a mudança dos parceiros para sua casa para não se tornarem "escravas" dele, da sua roupa e do fogão. Poucos são os homens cujos ganhos sustentam realmente a casa. Alguns homens, inclusive, impedem que a mulher trabalhe e ainda por cima gastam seus trocados com bebidas e outras mulheres. Intensificam-se as brigas e agressões físicas. Muitos homens saem para morar com outras mulheres. É evidente que, com a passagem do tempo, a presença de um marido que, ao mesmo tempo, é pobre, dá trabalho e é "desrespeitoso da casa" desfaz qualquer garantia de "reputação" para a mulher. Tudo isto é, evidentemente, acompanhado por uma diminuição na satisfação sexual. Na medida em que se torna público o desrespeito, o casamento se modifica

em algo que rebaixa a mulher e a separação torna-se inevitável.

Os homens dos Coelhos não têm pressa em se casar, mas a iniciação sexual deve ser cedo. As mulheres são vistas primeiro como parceiras sexuais, e são freqüentes as experiências com prostitutas. Para alguns homens há uma nítida separação entre as mulheres da rua (que são "fusacas", são "de brincadeira" e participam da malandragem) e as "mulheres direitas", as únicas casáveis. Na dança, evento social freqüente nos Coelhos, há a presença obrigatória das primeiras e a presença apenas sob vigilância de algumas moças que pertencem à segunda categoria. Observa-se que os homens que passaram sua juventude nos Coelhos, afastados das origens rurais de suas famílias, freqüentemente conheceram suas primeiras esposas numa dança no mesmo bairro. Paralelamente, os homens que mantêm mais forte ligação com o interior do estado costumam fazer questão de excluir mulheres da "dança" do conjunto de mulheres "casáveis".

Qualquer que seja a origem da relação estabelecida, inicialmente, na cabeça da maioria dos informantes masculinos não estava um casamento ou uma união duradoura até ter aparecido uma gravidez. Para estes, a casa não se apresenta como parte integrante de um projeto de vida individual, mas sim como eventualidade, quase fatal, dos relacionamentos amorosos. Faz-se muita referência à importância dos conselhos da geração com mais idade na resolução de estabelecer uma unidade à parte, tornando-se responsável por mulher e filhos. A casa assim formada não é indesejável. No entanto, a passagem para o papel de marido e pai representa um acréscimo na responsabilidade pelo sustento da casa que, freqüentemente, não estava incluído nas expectativas imediatas do homem.

Nos namoros mais demorados, especialmente ao entrar no casamento, os homens estabelecem uma condição fundamental às mulheres: serem subordinadas e ficarem sob controle. Este discurso é, paradoxalmente, em geral acompanhado por referências à igualdade dos dois. Um dos informantes declarou o seguinte: "acredito em direitos iguais, não sou machista, mas não é para soltar as rédeas" (Scott, 1986).

Outro homem mostra sua visão:

*Eu acho que a mulher tem que obedecer o homem porque o herói da casa é o homem. Mas eu acho também que se estou dentro de casa com a mulher, todos os dois podem falar alto... Os dois têm que ficar unidos porque sem unidade não pode viver. Não é só o homem ficar dentro da casa como herói. Tanto você fala quanto eu falo. Agora sempre a mulher fala mais baixo que o homem. O homem sempre quer ser herói, quer ser o homem, e a mulher não quer ser mais que o homem. A mulher tem que ser um pouquinho mais em baixo que o homem. Não pode gritar alto demais, mais do que o homem. Agora, o homem respeitando a mulher, eu acho que ela gosta de autoridade que eu tenho porque ela é meia feroz mesmo.*

Esta dominação em casa traduz-se numa vigilância que coloca em questão a mulher viver na rua, ou nas casas dos outros. As queixas que os homens têm sobre suas casas são, primordialmente, queixas sobre a não domesticidade da mulher: "Quem vive pela casa dos outros não quer mais o marido". A casa mal administrada, sem comida

pronta, sem cuidado adequado das crianças, sem pratos lavados etc. é um sinal de que a casa do homem está fora de controle e que ele deveria procurar outra mulher para administrar uma casa.

Embora a mulher não possa viver pela rua, a maioria dos homens dos Coelhos acreditam que a recíproca não é verdadeira. Relações extraconjugais são freqüentes, constituindo uma razão básica para muitas separações. Os primeiros casamentos no bairro tendem a ter curta duração, e a combinação da incapacidade de sustentar a unidade com a renda instável e as relações extraconjugais dos maridos (normalmente) são os fatores mencionados como mais importantes na dissolução destas uniões. Não há, atualmente, dados que permitam verificar o número ou tempo médio de união dos casais no bairro dos Coelhos, como um todo. Dos quatorze homens entrevistados em mais profundidade, nove tiveram uma primeira união fracassada, e cinco continuam sem "casas" deles mesmos, morando com os pais, em quartos alugados ou passando por sucessivas uniões rapidamente desfeitas. A observação indica que os homens que estabelecem relações duradouras, após a primeira união, o fazem com mulheres que têm alguma atividade remunerada. A resistência a que a mulher trabalhe fora reduz-se nas uniões subseqüentes. O homem não se prende tanto às noções idealizadas de "mulher em casa e homem na rua", pois já percebeu que a renda auferida pela mulher é fundamental para a sobrevivência do grupo. Quando a mulher já tem filhos (ao entrar na união) isto é ainda mais freqüente.

Prestando atenção aos 16,7% de homens que não têm esposas, verifica-se que boa parte destes vivem em quartos alugados ou casas cedidas, costumando afirmar que não têm em seus projetos a construção de uma casa ou novo casamento. Afirmam que "mulher não falta" e que preferem não assumir a responsabilidade de um grupo doméstico. A "esperteza" destes homens está em manter-se "desobrigados". Há outras formas de "desobrigar-se", como no arranjo de um sapateiro de 44 anos, que continua residindo em casa com a mulher e quatro filhos, contribuindo para o sustento, mas com ela "nada tem" e, com os filhos, quase não fala. Ele explica:

*Não estou mais com essa idade, já cansado, já trabalhei muito. Arrumar uma menina nova para ir morar com ela não vai dar certo. Eu sei que vou ter raiva. Por quê? Porque eu sei que a maioria das meninas novas hoje em dia têm vaidade. Eu não posso sustentar a vaidade. Quer ir para o clube, quer ir para essas coisas, eu não quero mais. É preferível eu viver tranquilo no meu canto. Mulher não falta por aí. A gente arruma e traz; uma mulher para esquentar minha cabeça, eu não quero.*

Este raciocínio não dista muito do de um homem de 35 anos, separado após quatro anos de casamento e residente na casa da mãe. Ele diz que agora nem pensa mais em casar, pois as mulheres de hoje em dia são muito "individuais" e não dão para casamento.

A vivência masculina do ciclo doméstico difere muito da feminina. Com base na pesquisa descrita aqui, podem-se isolar alguns momentos que ilustram distinções importantes para a compreensão de estratégias diferenciadas por gênero. Enquanto, inicialmente, a mulher representa seu namoro e manutenção de relações sexuais como

estrategicamente visando o estabelecimento de uma casa, o homem representa estas relações como um objetivo em si, que incidentalmente resulta na formação de uma casa à parte. Do ponto de vista de homens e mulheres, o fracasso das primeiras uniões deve-se ao despreparo dos dois para o casamento, devido à idade, às dificuldades de sustentar a unidade e ao não controle das atividades do parceiro. Após esta separação, a mulher normalmente sai com a "casa feita", incorporada na responsabilidade pelos filhos; enquanto o homem enfrenta uma situação de escolher entre uma vida onde renuncia à "casa" e uma em que estabelece uma nova relação mais duradoura com outra mulher, onde, comumente, ele passa a permitir, e mesmo exigir, que a mulher trabalhe. Com isto abre mão do papel de "provedor único" de um lado, mas integra-se a uma unidade doméstica economicamente mais equipada para enfrentar a pobreza com estratégias múltiplas de gerar e gerir renda, de outro.

Na matrifocalidade, se a mulher é uma vítima que se vê como esperta em relação a sua atuação diante da casa, uma casa a que dificilmente pode renunciar, o homem também é esperto, ou porque divide com a mulher a responsabilidade econômica da casa, numa estratégia que se mostra materialmente vantajosa, ou renuncia à "casa" enquanto fundamento para sua estratégia particular, e realiza-se através de relações sexuais destituídas de conteúdos e compromissos mais duradouros de sustentação econômica.

#### IMPLICAÇÕES PARA A INVESTIGAÇÃO DE GÊNERO E GRUPOS DOMÉSTICOS

O texto já apresentou diversas conclusões baseadas nos dados investigados. Sobre famílias pobres recifenses não convém repeti-las. Nestes comentários finais, ressaltam-se os elementos da abordagem adotadas que demonstraram ser os mais frutíferos para jogar luz na compreensão da operação do fator de gênero nos grupos domésticos.

Primeiro, matrifocalidade, o favorecimento das relações matrilaterais do grupo doméstico, foi entendida como um contexto tanto para operações femininas quanto para operações masculinas. Relegar a análise do grupo doméstico ao lado feminino da equação, seja qual for a razão, seria tratar de apenas a metade da história. Os informantes, a observação e a análise devem captar ambos os lados.

Segundo, e intimamente relacionado com o primeiro ponto, ao adotar uma abordagem que privilegia o ciclo doméstico, utiliza-se um conceito que, à primeira vista, é livre da problemática de gênero, por situar-se num nível analítico supra-individual. Mas isto é ilusão. Ficou patente, neste trabalho, que uma das conclusões mais significativas é que o ciclo doméstico é vivido e representado de formas radicalmente diferentes por mulheres e por homens.

Terceiro, a casa e a rua são duas partes de ambiente passíveis de controle por mulheres e homens ao manterem relações entre si. A relação entre gêneros é, como toda relação social, uma relação de poder. Os dois atores procuram controlar parte do ambiente para conseguir exercer alguma influência sobre as ações do outro. O caminho de menor resistência é de seguir a dicotomia culturalmente imposta que atribui a casa à mulher e a rua ao homem. A casa torna-se um recurso, uma parte do ambiente sobre o qual o homem e a mulher formam estratégias de interação que julgam favoráveis à sua sobrevivência particular, resultando numa distinção onde se vê que as mulheres são representadas como ativamente controladoras em suas casas, enquanto os homens são representados como tendo suas casas sob controle.

Finalmente, chama-se atenção para o fato de a análise, neste trabalho, concentrar-se na questão da inclusão e exclusão de parceiros nas estratégias de formação de grupos domésticos. Basta reportar-se à tremenda diversidade de elementos comumente usados para identificar a matrifocalidade, resumidos no início deste trabalho, para saber que existe um campo rico de elementos adicionais a serem analisados, para melhor compreender as relações de gênero neste contexto.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- AGUIAR, N. (coord.) *Mulheres na força de trabalho na América Latina: análises qualitativas*. Petrópolis, Vozes, 1984.
- ALMEIDA, M.C.L. *Em busca da igualdade: um estudo de casais de camadas médias urbanas no Recife*. Recife, 1988. Dissert. (mestr.) Antropologia-UFPE.
- AZEVEDO, M.A. *Mulheres espancadas: a violência denunciada*. São Paulo, Cortez, 1985.
- BARROSO, C. *Sozinhas ou mal' acompanhadas: a situação da mulher chefe de família*. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 1. *Anais*. Rio de Janeiro, ABEP, 1978.
- BILAC, E.D. *Família de trabalhadores: estratégias de sobrevivência; a organização da vida familiar em uma cidade paulista*. São Paulo, Símbolo, 1978.
- BOTT, E. *Family and social network*. London, Tavistock, 1957.
- BURTON, M.L. et al. A model of the sexual division of labor. *American Ethnologist*. Washington, Amer. Ethnological Society, p.227-51, 1976.
- CORREA, M. *Mulher e família: um debate sobre a literatura recente*. BIB (18):27-44, jul./dez. 1984.
- \_\_\_\_\_. *Morte em família: representações jurídicas de papéis sexuais*. Rio de Janeiro, Graal, 1983.
- DA MATTA, R. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- DRUMONT, M.P. O machismo como sistema de representações ideológicas recíprocas. In: LUZ, M. et al. *O lugar da mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro, Graal, 1982.
- DURHAM, E.R. A família e a mulher. *Cadernos do CERU*. São Paulo, Centro de Estudos Rurais e Urbanos (18):7-48, maio 1983.

- FERREIRA, A.B.H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
- FIGUEIREDO, M. O papel sócio-econômico das mulheres chefes de família numa comunidade pesqueira do litoral norte da Bahia. *Cadernos de Debate*, (6) 1980.
- FONSECA, C. *Orphanages, foundlings and foster mothers: state intervention in the system of child circulation in a Brazilian slum*. 1985. mimeo.
- \_\_\_\_\_. O internato do pobre: FEBEM e a organização doméstica em um grupo porto-alegrense de baixa renda. *Temas IMESC*. São Paulo, Soc. Dir. Saúde, 4(1):21-39, 1987.
- \_\_\_\_\_. *A circulação de crianças em grupos populares de Porto Alegre: um exame do processo jurídico de apreensão de menores, 1900-1926*. 1986. mimeo. [Trab. apresentado à X Reunião Anual da ANPOCS, Campos do Jordão].
- FORTES, M. Introduction. In: GOODY, J. (ed.) *The developmental cycle of domestic groups*. Cambridge, Cambridge University Press, 1958.
- FREYRE, G. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 14ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1969. 2v.
- \_\_\_\_\_. *Sobrados e mocambos*. 4ª ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968. 2v.
- GERBER, S.N. (ed.) The family in the Caribbean. In: CONFERENCE ON THE FAMILY IN THE CARIBBEAN, 2. *Proceedings...* Rio Piedras, Institute of Caribbean Studies/Univ. of Puerto Rico, 1973.
- GONZÁLES, N.L. The consanguineal households and matrifocality. *American Anthropologist*. 67:1541-9, 1965.
- \_\_\_\_\_. Toward a definition of matrifocality. In: WHITTEN Jr., N.E. & SZWED, J.F. (eds.) *Afro-american anthropology: contemporary perspective*. New York, Free Press, 1970.
- GOODY, J. *Production and reproduction: a comparative study of the domestic domain*. Cambridge, Cambridge University Press, 1972.
- GREENFIELD, S. Dominance, focality and the characterization of domestic groups: some reflections on matrifocality in the Caribbean. In: GERBER, S. (ed.) *The family in the Caribbean*. Porto Rico, Institute of Caribbean Studies/Univ. of Puerto Rico, 1973.
- KOTTAK, C.P. Kinship and class in Brazil. *Ethnology*. Pittsburgh, Univ. of Pittsburgh, 16(4), 1961.
- KUNSTADTLER, P. A survey of the consanguine or matrifocal family. *American Anthropologist*. Washington, AAA, 65(1):56-66, mar. 1963.
- LASLETT, P. The family as a knot of individual interests. In: NETTING, R.McC. et al. (eds.) *Households: comparative and historical studies of the domestic group*. Berkeley, Univ. of California, 1985.
- LOPES, J.S.L. & SILVA, L.A.M. Introdução: estratégias de trabalho, normas de dominação na produção e subordinação doméstica de trabalhadores urbanos. In: LOPES, J.S. et al. *Mudan- ças sociais no Nordeste: reprodução da subordinação*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.
- MACEDO, C.C. *A reprodução da desigualdade: projeto de vida familiar de um grupo operário*. São Paulo, Hucitec, 1979.
- MERRICK, T. & SCHMINK, M. Households headed by women and urban poverty in Brazil. In: BUVINIC, M. et al. (eds.) *Women and poverty in the Third World*. Baltimore, Johns Hopkins Univ. Press, 1983.
- MOTTA, R. & SCOTT, R.P. *Sobrevivência e fontes de renda: estratégias de famílias de baixa renda no Recife*. Recife, Massangana, 1983. (População e Emprego, 16).
- NASH, J. & SAFA, H. *Women and change in Latin America*. South Hadley (Mass.), Bergin and Garvey, 1986.
- NEVES, D.P. Nesse terreiro galo não canta: estudo do caráter matrifocal de unidades familiares de baixa renda. *Anuário Antropológico 1983*. Rio de Janeiro/Fortaleza, Tempo Brasileiro/UFC, 1985.
- OLIVEIRA, C.F. & PRADO, D. *Cícera, um destino de mulher: autobiografia duma emigrante nordestina, operária têxtil*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- POUILLON, F. A determinação de um modo de produção: as forças produtivas e sua apropriação. In: \_\_\_\_\_. (org.) *A antropologia econômica*. Lisboa, Edições 70, 1978.
- QUINTAS, F. *Sexo e marginalidade: um estudo sobre a sexualidade feminina em camadas de baixa renda*. Petrópolis, Vozes, 1986.
- RECIFE. Prefeitura. Empresa de Urbanização do Recife — URB. *PROMORAR: relatório*. Recife, 1981.
- RODRIGUES, A. *Operário, operária*. São Paulo, Símbolo, 1978. (Coleção Ensaio e Memória, 2).
- SALEM, T. *Mulheres faveladas: com a venda nos olhos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1981. p.49-99. (Perspectivas Antropológicas da Mulher, 1).
- SCOTT, P. *Os maridos nas estratégias femininas de formação de unidades domésticas*. Fortaleza, 1986. [Trab. apres. ao Seminário Relações de Trabalho e Relações de Poder, Fortaleza, 1986].
- SMITH, R.T. The matrifocal family. In: GOODY, J. *The character of kinship*. Cambridge, Cambridge Univ. Press, 1973.
- \_\_\_\_\_. *The negro family in British Guiana*. London, Routledge and Keagan Paul, 1956.
- \_\_\_\_\_. Culture and social structure in the Caribbean: some recent work on family and kinship studies. *Comparative Studies in Society and History*. New York, Cambridge Univ. Press, 6:24-46, 1963.
- WOORTMANN, K. *A família trabalhadora*. São Paulo, ANPOCS/Cortez, 1984. (Ciências Sociais Hoje).
- \_\_\_\_\_. *Marginal men and dominant women: kinship and sex roles among the poor of Bahia*. Cambridge, 1975. Tese (PhD) Harvard Univ.
- \_\_\_\_\_. *A família das mulheres*. Rio de Janeiro/Brasília, Tempo Brasileiro/CNPq, 1987.